

## Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

### From Zélia Gattai's memorial project to the musealization of the Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

Milena de Jesus Santos<sup>1</sup>  
Suely Moraes Cerávolo<sup>2</sup>

DOI 10.26512/museologia.v10i19.34154

#### Resumo

A partir das ações memorialísticas de Zélia Gattai na fotografia e na literatura que criaram o acervo fotográfico doado para Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA, Salvador) em 1991, para contribuir com as pesquisas sobre a vida e obra do escritor Jorge Amado, procuramos relatar e analisar os procedimentos em prol da musealização que deu origem ao museu Casa do Rio Vermelho – Jorge Amado e Zélia Gattai, instituição municipal dirigida pela Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Cultura de Salvador. A metodologia amparou-se nas informações colhidas em matérias jornalísticas e publicações literárias, possibilitando identificar as contribuições para a musealização da Casa do Rio Vermelho. Concluímos que a musealização da residência foi possível graças aos processos narrativos instituídos pela própria escritora ao longo de cinco décadas e com isso os seus herdeiros legais e simbólicos implantaram o museu.

#### Palavras-chave

Musealização. Acervo fotográfico. Zélia Gattai. Museu Casa do Rio Vermelho. Jorge Amado.

#### Abstract

Based on the memorial actions of Zélia Gattai in photography and literature which built up a photographic collection later donated to Casa de Jorge Amado Foundation (FCJA, Salvador) in 1991, to contribute to research on the life and work of the writer Jorge Amado, we seek to report and to analyze the procedures in favor of the musealization that originated the museum Casa do Rio Vermelho - Jorge Amado and Zélia Gattai, a municipal institution managed by the Secretary of Development, Tourism, and Culture of Salvador. The methodology was based on information collected from journalistic materials and literary publications, making it possible to identify the contributions to the musealization of the house at Rua Alagoinhas 33. We concluded that the musealization of the residence was possible thanks to the narrative processes instituted by the writer herself over five decades and with this her legal and symbolic heirs set up the museum.

#### Keywords

Musealization. Photographic collection. Zélia Gattai. Casa do Rio Vermelho Museum. Jorge Amado.

#### Notas introdutórias

Resultado do encadeamento de uma série de processos e procedimentos técnicos abarcando, em tese, da seleção à exposição de bens patrimoniais, a musealização torna-se o ferramental logístico, o agente no sentido da ação, próprio de museus, que acompanha o deslocamento das coisas do universo de uso para o universo museal. Generalizando, trata-se de um movimento característico de transferência, ou seja, de mudança de lugar que gera o chamado

<sup>1</sup> Mestre em Museologia pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia – PPGMuseu. Email: milena.ssants@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. Professora da Universidade Federal da Bahia. Líder do grupo de pesquisa Observatório da Museologia na Bahia. Email: sumocem@gmail.com

objeto museológico e, nessa condição, aceito como documento testemunho da vida do social. Dentro de um museu as operações realizadas ao tempo em que arquivam também produzem e fazem circular memórias a partir das coisas, todavia, continuamente reinventadas em novas “formas de invenção” (BRITTO, 2019: 84). Com essas premissas em mente, procuramos relatar e analisar o caso interessante do quase não-deslocamento original, no entanto, deslocado e transformado em exposição do museu-casa que já diz lugar de residência, conhecida como a Casa do Rio Vermelho, situada na Rua Alagoinhas, nº 33, no bairro do Rio Vermelho, na cidade de Salvador (Bahia). Em novembro de 2014 transmutada em A Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai, um *museu-casa de personalidade (PersH)*, dedicado à celebração da memória de ambos os escritores de grande atuação no âmbito político e literário brasileiro.

A perspectiva aqui assumida parte do olhar memorialístico de Zélia Gattai (1916–2008), paulista, nascida na Alameda Santos, nº 8, filha de Angelina da Col e Ernesto Gattai, imigrados no Brasil no fim do século XIX. Os primeiros anos de vida de Zélia Gattai coincidiram com as primeiras manifestações operárias e sindicalistas, fruto da imigração italiana no Brasil. Um período de mudanças políticas no cenário nacional contribui para a implantação da Colônia Cecília, comunidade italiana instalada na capital paulista. Em 1942, Zélia casa-se com o intelectual e militante comunista Aldo Veiga. A união dura poucos anos, divorcia-se e passa a se dedicar à militância política (ROSCILLI, 2006). Atuando em comícios e militando em encontros políticos, conhece o escritor Jorge Amado (1912-2001)<sup>3</sup> durante o Congresso de Escritores, em 1945, no Teatro Municipal de São Paulo, de quem já havia lido alguns livros e se tornara seu escritor predileto, assim registrou Zélia em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras - ABL: “De mim ele não sabia nada, nem podia saber, porque eu era apenas uma simples desconhecida, sem nenhuma credencial. Ele também não sabia que eu possuía uma estrela que o pusera em meu caminho” (GATTAI, 2002: 4). Do encontro passam a trabalhar juntos, constituem união estável e Zélia se torna secretária do escritor, auxiliando-o na parte da pesquisa e datilografia das obras literárias, dessa forma, teve a chance de aprender como constituir um livro.

Aos 63 anos de idade, incentivada pelos filhos Paloma Jorge Amado e João Jorge Amado e com anuência do esposo, publica seu primeiro livro de memórias, intitulado *Anarquistas, Graças a Deus* (1979), obra memorialística sobre a infância e a cidade de São Paulo, na primeira metade do século XX (BRAGA, 2016). O livro apresenta episódios de sua vida, uma filha de anarquistas que cresceu em meio à militância política por influência do pai e aprendeu com dona Angelina da Col a prática da contação de histórias. Mesmo não se identificando com o título de escritora, publicou 17 obras, desse montante cerca de 11 livros mencionam aspectos do contexto íntimo e espaço doméstico, rememoram histórias das famílias Gattai e Amado e principalmente sobre Jorge Amado, citamos: *Um Chapéu para viagem* (1982), *Senhora dona do baile* (1984), *Jorge Amado: fotobiografia* (1986), *Reportagem incompleta* (1986), *Jardim de inverno* (1988), *Chão de meninos* (1992), *Casa do Rio Vermelho* (1999), *Città di Roma* (2000), *Códigos de*

3 Escritor baiano, nascido na Fazenda Aurícidia, distrito de Ferradas no município de Itabuna. Filho do Coronel João Amado de Faria (1888 - 1962) e de Eulália Leal Amado de Faria - dona Lalu (1884 - 1972); formou-se em direito; eleito Deputado Federal mais votado do Estado de São Paulo; militante comunista; autor da lei que assegura o direito à liberdade de culto religioso, ainda hoje em vigor, escreveu diversos livros focalizando os aspectos históricos, sociais e artísticos da Bahia de todos os santos, ação que resultou na eleição para ocupar a cadeira de nº 23 na Academia Brasileira de Letras.

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

*família* (2001), *Jorge Amado, um baiano romântico e sensual* (2002), *Memorial do amor* (2004) e *Vacina de sapo e outras lembranças* (2004). Ao escrever os livros que circundam o universo das experiências vividas, a autora vai trilhando carreira no meio literário, torna-se acadêmica, assumindo, em 21 de maio de 2002, a cadeira de nº 23 (antes ocupada por Jorge Amado), sendo a quinta mulher a ocupar um lugar na Academia Brasileira de Letras, ao lado das escritoras Raquel de Queiroz (1910 – 2003), Dinah Silveira (1911 – 1982), Lygia Fagundes da Silva Telles (1923) e Nélida Piñon (1937) (FANINI, 2019).

Confessou em muitas ocasiões que além da literatura, a fotografia, primeira atividade por ela iniciada, tornou-se sua principal ocupação. Aproveitando a convivência ao lado de Jorge Amado acompanhando-o em todas as ocasiões, resolve documentar acontecimentos e flagrantes da vida de seu companheiro, com isso, constitui o acervo pessoal, publica uma série de textos literários ao longo de 60 anos, incluindo vasta e intencional produção fotográfica, a princípio um *hobby*<sup>4</sup>. Estabeleceu, com isso, uma obra narrativa, no sentido de Walter Benjamin (1987: 15), concebida como “forma artesanal de comunicação”, a partir da associação entre experiência de vida e narração. Nela funde literatura e fotografia, unindo nas “memórias vividas” (GATTAI, 1986) aspectos selecionados do cotidiano aos itinerários de Jorge Amado com quem conviveu por 56 anos.

Neste artigo, elegemos alguns aspectos da trajetória de vida de Zélia Gattai, objetivando visualizar as dinâmicas estruturantes dos processos narrativos empreendidos pela escritora e, com isso, procura-se identificar as contribuições para a musealização da Casa do Rio Vermelho, em proposições explicitadas que se desenvolvem com recurso às informações colhidas em matérias jornalísticas e publicações literárias.

### **Memórias de Zélia Gattai, material para um caso de reinvenção**

O memorialismo de Zélia Gattai é de cunho familiar e intimista, revela, sobretudo, aspectos da vida da autora (AMARAL, 2010; BRAGA, 2016; ROSCILLI, 2019), auto-intitulada em *Um Chapéu para viagem* como “colecionadora de histórias” (GATTAI, 1986: 16), tal qual sua mãe dona Angelina, exímia colecionadora de recortes de jornais ilustrados com fotografias de casos políticos. Ao longo da vida selecionou e documentou fatos que considerou relevantes para construir um acervo de momentos marcantes, fixados no papel fotográfico e publicizados no texto literário.

Começamos por abordar neste item as memórias de Zélia Gattai situando o seu arquivo fotográfico, uma “coleção de fotografias [...] que retrata, sobretudo, 50 anos de história cultural e política, destacando personalidades que marcaram uma época”, nela, Jorge Amado figura como ator principal. Na coleção de fotos estimada em 21.000 imagens entre negativos<sup>5</sup> e ampliações, cerca de 80% da produção se refere diretamente a aspectos da trajetória do escritor, outros 20% contextualizam temas transversais intimamente relacionados a ele: registros das residências do casal, com série especial dedicada à morada

4 Em 1952, adquiriu uma câmera Kiev; frequentou curso de fotografia no Studio Image no Rio de Janeiro, profissionalizando-se (GATTAI, 1986).

5 As fotos do período de infância de Jorge Amado foram doadas por dona Lalu, natural de Amargosa – Bahia, casada com o coronel João Amado de Farias com quem teve quatro filhos. Jorge Amado o mais velho.

construída na Bahia — a Casa do Rio Vermelho — e seus ilustres visitantes, figuras de reconhecimento nacional e mundial à exemplo de Pierre Verger, Mãe Menininha do Gantois, Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, entre tantos outros (FRAGA, 2011: [S.I.]).

Sobre as fotografias, “uma viagem no tempo” (FRAGA, 2011: [S.I.]), Zélia registra suas andanças pelo mundo e alguns aspectos da vida de Jorge Amado na Bahia e no Brasil, constituindo um patrimônio fundamental que nos fornece um panorama dos momentos vividos pelo escritor, capturados ao longo de 50 anos. O material apresenta episódios íntimos e corriqueiros de Amado nas tarefas cotidianas - escrevendo à máquina, experimentando o fardão da Academia Brasileira de Letras e, também, nas horas de lazer, acompanhado dos filhos e netos ao lado dos bichos de estimação, na beira da piscina, divertindo-se com amigos entre tantas outras situações. Percebe-se uma quantidade significativa de registros fotográficos emblemáticos do escritor cercado de pessoas que influenciaram os destinos do Brasil e do mundo acadêmico, literário ou artístico a exemplo de Gilberto Freyre, Anísio Teixeira, José Sarney, Odorico Tavares, mestre Pastinha, Yves Montand, García Marquez, Pablo Neruda, Roman Polanski, Dorival Caymmi e tantos outros.

No texto *Ai que saudades de Jorge!* (2002) a fotógrafa relata que procurava documentar os gestos repetidos e as dificuldades percebidas nos momentos da escrita dos livros do romancista. Fotografar Jorge Amado “à traição” lhe garantiu a estratégia para preservar a memória dele em intenção declarada: “Digo, sem nenhuma vaidade, que somente eu poderia fazê-lo: sou sua mulher há mais de 40 anos, sempre a seu lado, nos bons e maus momentos” (GATTAI, 1986:15). Ao produzir os registros a autora afirma sua autoridade e referenda o trabalho fotográfico. Por meio do acervo de fotos, refazemos os passos do escritor e entendemos sua atuação na literatura e na política, mas, ao mesmo tempo, a fotografia torna-se o mecanismo que assegura à Zélia a possibilidade de demarcar sua “identidade social”, fator que garante a individualidade, que, segundo Pierre Bordieu (1986:187), se expressa pela delimitação do nome próprio, isso se deve pela utilização de carimbo, equivalente à assinatura, colocado no verso e nas pastas de negativos, especificando a autoria do documento<sup>6</sup>.

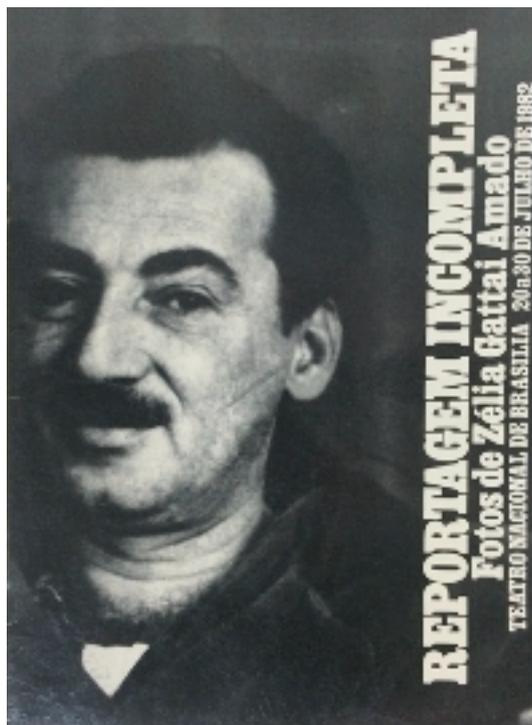
As imagens do arquivo pessoal propagaram-se, inicialmente, com o envio de fotos de Jorge para ilustrar matérias de jornais e revistas internacionais. Além disso, foram impressas nas contracapas dos livros do escritor, difundidas também no livro *Jorge Amado: Fotobiografia* (1986). Essas imagens cinco anos antes também foram apresentadas na exposição “bio-bibliográfica” *Reportagem Incompleta: fotos de Zélia Gattai Amado* (Figuras 1 e 2), exibidas na Praça Jorge Amado, do Shopping Iguatemi Salvador em 1981 e re-exibida no Teatro Nacional de Brasília em 1982 (GATTAI, 1986:16), exposição constituída de 200 fotografias que contou com a curadoria do fotógrafo Pierre Verger no corte e enquadramento das imagens no intuito de valorizá-las<sup>7</sup>.

6 Na pesquisa do *Acervo Zélia Gattai* (disponível na FCJA) consultamos a “ficha de controle” utilizada pela autora para identificar as imagens com os seguintes dados: local, data, ocasião. Atualmente o material é dividido por séries, de acordo com as inscrições feitas pela autora no verso das fotografias.

7 Conforme entrevista de Arlete Soares no curta - documentário *Zélia Gattai: Reportagem Incompleta* (2017) do diretor e roteirista Carlos Prozato e produção de Isadora Bove.

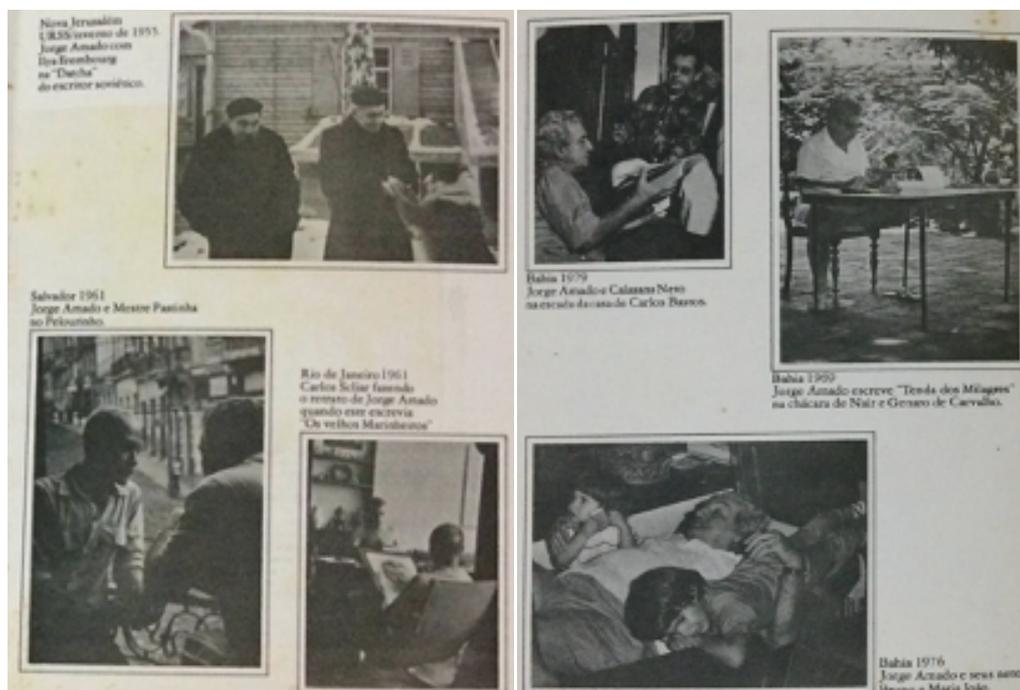
Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

Figura 1 - Capa do catálogo da exposição Reportagem Incompleta exibida no Teatro Nacional de Brasília, 1982.



Fonte: Acervo Zélia Gattai - Fundação Casa de Jorge Amado.

Figura 2 - Catálogo (parte interna) da exposição Reportagem Incompleta exibida no Shopping Iguatemi Salvador, 1981.



Fonte: Acervo Zélia Gattai - Fundação Casa de Jorge Amado.

Com a intenção de auxiliar nas pesquisas sobre a trajetória de Jorge Amado, o acervo de fotos sai da esfera particular e passa para o domínio público, doado pela escritora, em 1991, à Fundação Casa de Jorge Amado (FCJA)<sup>8</sup>, centro cultural criado em 1987, localizado no Pelourinho, Salvador (Bahia), destinado a divulgação de “[...] uma determinada imagem do escritor e de uma determinada leitura de sua obra” (CUNHA, 2003:127). A sua institucionalização materializa a memória selecionada das pequenas ações que como explica Philippe Artières (1997) forjam imagens como objetivam, por vezes, arquitetar uma biografia.

A partir da produção das fotografias Zélia Gattai demarca socialmente um outro papel além do já estabelecido como mãe e esposa. Fala-se muito sobre o mundialmente conhecido literato, mas sobre a escritora ainda reservam o lugar de “mulher do escritor”, expressão recorrente em jornais e revistas arquivados na FCJA. Durante as pesquisas aos periódicos percebe-se que a maior parte do material publicado até meados da década de 1980 se referia à Zélia atribuindo-lhe exclusivamente as ocupações de boa esposa, mãe e dona de casa, ou seja, destacando-a nos papéis sociais assumidos em face ao gênero. As demais reportagens difundiram o trabalho da escritora tecendo comparações com a produção literária do marido. Já as notícias publicadas em 1988, no Brasil, revelam a consolidação da sua trajetória literária, inclusive informando sobre o prêmio de Personalidade Feminina do ano, concedido à autora por sua atuação no âmbito cultural. Note-se que o conteúdo dos textos publicado no período está relacionado à “condição subordinada da mulher” (BEAUVOIR, 2016:19), fator preponderante e responsável por manter as “mulheres [como] categorias indistintas no silêncio, ocultando suas vidas, apagando suas atividades” (PERROT, 2005: 10).

A escrita literária, tal como a fotografia, foi outro instrumento por ela utilizado na tentativa de ter autonomia e conseguir desenvolver atividades para além das ocupações domésticas (administração do lar e criação dos filhos), executadas nos intervalos em que prestava assistência ao marido escritor (A TARDE, 1969).

As primeiras arremetidas de Zélia na escrita se deram nos momentos de controle das questões domésticas, quando costumava escrever em cadernetas, as receitas culinárias, técnicas de costura e de modelagem de roupas, apontamentos de cursos de línguas estrangeiras aprendidas durante as viagens, os pensamentos, entre outros assuntos, dando origem aos cadernos do tipo diário<sup>9</sup>. Posteriormente, as escritas das cadernetas foram se associando ao trabalho de secretária, o que lhe permitiu acompanhar a criação de obras literárias. No final da década de 1950 surgiram as primeiras reportagens com fotografias e textos de sua autoria, impressas em revistas e jornais (FRÓES, 1979). Tem-se, nessa estratégia, uma das possibilidades de escrita feminina como afirma a historiadora Norma Telles em *Escritoras, Escritas, Escrituras* (2017), ao comentar sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres na luta pelo direito de se expressar através da escrita e nesse contexto revisita o século XIX, e destaca a figura da educadora e poetisa Nísia Floresta pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto

8 Conforme informa Jorge Amado na obra *Navegação de Cabotagem*, Zélia foi uma das grandes responsáveis pela criação da fundação cultural estabelecida no Pelourinho. O objetivo da criação da instituição se firmou a partir do posicionamento de Zélia Gattai para tentar manter na Bahia o acervo documental do escritor, diante das propostas por ele recebidas de universidades da Pensilvânia e Boston (AMADO, 2006).

9 Material em exposição no museu Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai, na sala *Zélia Gattai – Companhia, graças a Deus*, dedicada à vida e obra da escritora.

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

(1810-1885). Dificuldades atestadas por Zélia nas entrevistas: *Não é fácil ser mulher de um escritor como Jorge Amado*, concedida ao caderno Magazine, em 1981; e *Zélia Gattai, a autora fala de “Anarquista graças a Deus”* de 1984, dada ao jornal *A Gazeta*, nos quais reconhece os entraves ao trabalho de uma mulher que precisa conciliar os afazeres domésticos com a escrita dos livros, oportunidade em que assinala os privilégios e, sobretudo, as desvantagens de ser casada com tão famoso escritor:

Os meus amigos, quando souberam que eu estava escrevendo um livro, ficaram apreensivos. Acho que eles tinham receio que eu fizesse uma imitação de Jorge. Os que não eram meus amigos, provavelmente, estavam me gozando, porque o preconceito existe. Sempre acham que as mulheres de homens famosos são burras e idiotas. Eu, por exemplo, se estou com Jorge em algum lugar, procuro ficar na sombra, porque as pessoas têm interesse em falar com ele. Daí a impressão, talvez, de burrice. Mas essas pessoas não sabem que existe amor, afinidade, troca de ideias, intercâmbio de sensações, e que ficar apagada é uma opção. De certa forma, as coisas mudaram muito para mim depois de *Anarquistas*. Já não sinto mais o pé atrás, e nem me ignoram tanto quanto antes, como aconteceu muitas vezes (*A GAZETA*, 1984: 1).

Na citação chama atenção a expressão “ficar na sombra” mencionada por Zélia. Conforme declaração foi uma escolha consciente, uma espécie de “apagamento” utilizado também como tática para conseguir escrever suas memórias e publicá-las sem ofuscar a carreira do marido. Observa-se, assim, que o memorialismo de Zélia corrobora para aumentar a fama de Jorge Amado, fato que pode ser percebido ao observarmos sua produção literária em que predominantemente narra sobre assuntos que contribuem para a compreensão dos trajetos de Jorge Amado.

Ingressar no território da escrita e conseguir fazer carreira no mundo das letras foi uma tarefa exaustiva e difícil para as mulheres, a situação agravava-se ainda mais se ela fosse casada com um escritor de renome. As mudanças ocorreram a passos lentos e nas pequenas ações do dia a dia, quando era quase impossível à mulher partilhar do ambiente dominado por homens (FANINI, 2009; TELLES, 2017). Nesse prisma, em artigo da revista *Afinal*, declara Zélia: “[...] as mulheres já conquistaram um espaço maior de independência. Antigamente, eram muito presas, a começar pela família. Meu êxito deve-se ao fato de que falo da vida do povo, do cotidiano de todo mundo, e com observações que todo mundo aprecia” (1985: [S.l.]). Não à toa o seu primeiro livro publicado trata de histórias da imigração italiana, contado por alguém que vivenciou parte do processo, fator que garantiu uma boa recepção do livro<sup>10</sup>.

Como típica “mulher ideal dos anos dourados”<sup>11</sup> Zélia desempenhava o papel de “guardiã do lar e da família” no espaço doméstico, ocupações determinadas pela socialização imposta às mulheres (BEAUVOIR, 2016; PINSKY, 2017). Utiliza-se desse lugar para produzir suas memórias e transpor para as publicações literárias narrativas dos acontecimentos testemunhados, gerando fontes privilegiadas cuja autoridade e relevância eram incontestáveis, haja vista ser a principal responsável por administrar as coisas da casa e a carreira do esposo.

<sup>10</sup> No prefácio de *Um Chápeu para Viagem* a autora informa do sucesso da recepção de *Anarquistas Graças a Deus*, publicado no Brasil e no estrangeiro.

<sup>11</sup> Expressão cunhada por Carla Bassanezi Pinsky (2017) no texto sobre o destino das mulheres segundo a ideologia da década de 1950, encontrada na coletânea de textos *História das mulheres no Brasil*, organizada por Mary Del Priore (2017).

Com isso, “ordena, rearranja e significa o trajeto de uma vida no suporte do texto [e da fotografia], criando, através dela, um ator e uma narrativa [em torno de personagens, objetos e histórias], como forma de materializar uma identidade que quer consolidar” (GOMES, 2004: 16) a partir do lugar de “narradora”<sup>12</sup>.

Na acepção de Walter Benjamin, o narrador é o agente responsável pela “faculdade de intercambiar experiências”, ao mesmo tempo em que se coloca distante esperando a partir de um “ângulo favorável” a realidade, estar no momento presente testemunhando e atuando no desenrolar dos fatos. Isto é, “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (1987: 11). Encontramos na produção literária de Zélia Gattai elementos que apontam para uma abordagem informacional, aspecto inerente ao trabalho do narrador. Nas legendas das imagens colocadas ao lado das fotografias, a autora minuciosamente sinaliza os personagens, a ocasião e o acontecimento retratado. Mas, como declarou ao jornal *Diário Popular*<sup>13</sup>, não tinha interesse em transmitir “o puro em si” (BENJAMIN, 1987: 15) da coisa narrada, mas desejava registrar os fatos que considerava relevantes, assim como um semeador que deposita sementes na terra para germinar a *posteriori*. Pode-se perceber nas obras *Reportagem Incompleta* e *Jorge Amado: Fotobiografia*, coletâneas de fotografias que se complementam, alguns desses registros capturados a partir da década de 1930 a 1980, publicados em comemoração aos 70 anos do escritor e 50 anos de publicação de sua primeira obra *O País do Carnaval* (1931). Este último livro fotográfico foi lançado em parceria com os curadores: Salvador Monteiro e Leonel Kaz, ilustrado com fotografias e gravuras, divididas em quatro capítulos em que o personagem principal aparece em fotos de família, excursões na Bahia e no mundo (GATTAI, 1986). (Figura 3).

Figura 3 - Registros de Jorge Amado em encontros políticos (China, União Soviética, Moscou, Budapeste e Mongólia) evidenciando a figura pública e as relações sociais por ele estabelecidas.



Fonte: Jorge Amado: Fotobiografia, p. 134 - 135, 1986

12 Segundo Eneida Leal Cunha (2002: 86) o texto de Zélia Gattai “guarda vasta semelhança com a tradição oral, por sua formulação clara e imediatamente acessível, orientada pela busca de uma comunicabilidade instantânea e ainda por individualizar e dar credibilidade e autenticidade excepcionais à voz narrativa, através da peculiar coincidência entre autor, narrador e personagem, que marca as memórias escritas”, desta forma, é coerente aplicamos o papel de “narradora” à escritora.

13 O material apresenta na coluna Cultura depoimento dado por Zélia a respeito da produção do livro *Um Chapéu para Viagem*, o considerando uma grande contribuição para a biografia do companheiro: “Pre-tendi, sobretudo, dar uma contribuição para os estudiosos da vida e da obra de Jorge Amado. Há muitas coisas a seu respeito que só eu, talvez, poderia contar. Foi o que fiz. Acho que, ao escrever, ajudo à compreensão de determinados factos. Ponho muitos pontos nos is”. (DIÁRIO, 1982: [S.I.]).

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

No texto *Um presente para Zélia*, Arlete Soares (fotógrafa e sócia diretora da Editora baiana Corrupio<sup>14</sup>), explicita a construção da obra, enfatizando sua importância e a chance que a fotógrafa teve de produzir tal material:

Nas muitas vezes em que vi Zélia fotografar Jorge ao lado dos amigos, pude perceber a chance que ela tinha de fazer aquelas fotos, exatamente pelo acesso a momentos que outro fotógrafo não teria. E se tivesse, não conseguiria com a mesma espontaneidade, obtida pela despreensão e pela amizade. Por compreender isso, não foram poucos os instantes em que tive que conter o meu ímpeto de fotógrafa. [...] Sempre tive encanto pela vida de Jorge Amado, por seu espírito andarilho e suas amizades sem nenhuma espécie de fronteira, capaz de reunir filósofos e carregadores de feira, mães de santo e artistas. Com afeto e encanto e mais o propósito da Editora Corrupio em tirar das gavetas documentos preciosos da cultura baiana e torná-los públicos – do mesmo modo que vem sendo feito com a obra de Pierre Verger –, este livro foi se desenhando, se desenhando, até acontecer. (SOARES, 1986: 10).

Os flagrantes capturados pelas lentes de Zélia tornam-se indícios da escolha do momento preservado pelo seu olhar. Instantes parados ou flagrantes mudos disse James Amado, que documentam mas não explicam nos quais “a história do contador de histórias se sumariza em imagens isoladas, assim como os fatos de sua trajetória na vida e na literatura” (AMADO, J., 1986: 29), contextualizada por breves textos da autora nas legendas das imagens (Figura 4).

Figura 4 - Registro de Jorge Amado beijando a mão de Mãe Menininha no terreiro do Gantois<sup>15</sup>.



Fonte: Reportagem Incompleta, p. 25, 1986.

Vale referendar que, para a pesquisa sobre fotografia - “representação a partir do real” - encontramos respaldo teórico nos trabalhos de Boris Kossov (2016) e John Berger (2017), para os quais o registro fotográfico testemunha uma opção do fotógrafo de que aquele momento é relevante e merece ser documentado, torna-se indício que fornece, sobretudo, evidência da ideologia do autor das imagens. Isto posto, percebe-se que com a produção das coletâneas

14 Instalada em Salvador desde 1979, especializada em cultura negra e diáspora africana, produziu a clássica obra *Retratos da Bahia* de Pierre Verger; atualmente abriga um espaço cultural com exposições e atrações musicais.

15 No livro esta imagem acompanha texto sobre a “grande ialorixá da Bahia” e amiga dos escritores: “Mãe Menininha morreu e nós ficamos orfão de sua bondade, de sua sabedoria, de sua graça, de seu dengue, de seu carinho. Sempre que podíamos, íamos visitá-la. Jorge e ela recordando o passado, riam boas risadas. Se tardávamos a aparecer, ela reclamava. Cleusa e Carmem, suas filhas de sangue, não me deixam mentir. De mãe Menininha, minha irmã de santo, ficam imensas saudades. Ore yeye o, minha mãe!” (GATTAI, 1986: 24).

de fotografias, Zélia busca delinear a biografia do marido, detalhando momentos íntimos e públicos da trajetória de Amado (GATTAI, 1986), numa “prática de arquivamento de vida”, forjada por quem detém as prerrogativas que possibilitam selecionar e ordenar os acontecimentos dando-lhe testemunho dos fatos (ARTIÈRES, 1997: 3) (Figura 5), conclusão sustentada principalmente pela declaração da autora concedida ao jornal *A Tarde*

Eu tenho tentado mostrar, em minha obra quem é o Jorge Amado homem, pois muitas obras já foram escritas sobre o trabalho dele. Achei que eu seria a pessoa certa para traçar essa biografia, pois vivo com ele há 54 anos, dia e noite. [...] Vivemos realmente juntos o tempo todo. Eu sei quem é ele, nos mínimos detalhes. E é isso que eu mostro aos leitores, através dos livros. As grandezas, as fraquezas, a generosidade dele [...] (A TARDE, 1999: 1).

Figura 5 – Sequência de retratos do escritor nas décadas 1930, 1940 e 1950 .



Fonte: Jorge Amado: Fotobiografia, p. 120 - 121, 1986.

### **A Casa do Rio Vermelho e o desejo de Zélia Gattai em transformar a residência da Rua Alagoinhas 33, em museu**

Outro tema recorrente na produção literária de Zélia Gattai é a Casa do Rio Vermelho. Residência ampla, com jardim e vista para o mar que banha a praia no bairro de mesmo nome (Rio Vermelho), construída na década de 1960, palco de grandes comemorações, abrigou debates sobre política, literatura, arte e música, além de hospedar personalidades ilustres e anônimos que contribuíram para a história da Casa (A TARDE, 1999).

De acordo com Glaucy do Amaral (2010), existia uma relação de cumplicidade entre Zélia Gattai e a residência do Rio Vermelho, condição favorável à escrita da primeira publicação dedicada a Casa e que apresenta um recorte de 30 anos de acontecimentos envolvendo o edifício, os moradores e amigos frequentadores do local. No livro *A Casa do Rio Vermelho*, Zélia penetra o labirinto de signos e significados da residência da Rua Alagoinhas, 33, tece memórias, situa-se perante acontecimentos, assume a postura do “eu-personagem em terceira pessoa” (AMARAL, 2010: 40). E, mais: a partir da Casa, endereço que se torna conhecido e famoso, nos leva a andar pelas ruas de Salvador ao tempo

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

em que vai ao mundo cheio de fascinantes personagens, histórias curiosas ou instigantes (FRAGA, 1999: 37). A escrita da obra permitiu a Zélia recordar “uma época gloriosa” (A TARDE, 1999), o que a levou a “desenvolver relações de sensibilidade e emoções no espaço que já não era só concreto, suas paredes estavam impregnadas de recordações que estavam gravadas nas imagens da lembrança como sendo a casa das emoções” (AMARAL, 2010: 70).

Sobre as imagens da casa que povoam as lembranças em *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1988: 36 – 57) vai nos dizer que: “a casa é um corpo de imagens [ao] distinguir todas essas imagens [revelamos] a alma da casa [além de exprimir] os valores da intimidade” nela contida. Aspecto que nos faz deduzir que Zélia exercita a “linguagem das coisas” (CHAGAS, 2003) retomando em 2003 as histórias da Casa nas obras: *Memorial do Amor* e *Vacina de sapo e outras lembranças*, com auxílio e incentivo de sua filha Paloma Jorge Amado. Com isso, eterniza na literatura histórias sobre a residência da Rua Alagoinhas, 33, contando com detalhes desde a construção do edifício, com a participação e ajuda de amigos que passaram a frequentar a residência. Há camadas de relatos sobrepostos: a experiência adquirida no contato com o candomblé e o convívio com as principais ialorixá da Bahia; as viagens; festas e almoço de confraternização em comemoração a inauguração da FCJA, além de comentar problemas políticos enfrentados no Brasil (ALVES, 2002; AMARAL, 2010), temas minuciosamente recuperados nos livros que dão continuidade à obra *A Casa do Rio Vermelho*.

Em *Memorial do Amor*, Zélia ao externar a saudade que sentia por Jorge Amado, falecido em 2001, declara o desejo de ver a Casa do Rio Vermelho transformada em museu/memorial para homenagear a memória do esposo, acompanhemos:

Hoje, sozinha, sem ter sua mão para segurar, vou vivendo das recordações das coisas boas e das coisas belas que juntos vivemos naquela casa, a casa da amizade, a casa do amor. Das lembranças que guardo tantas, uma delas, a da ameaça de demolição da igreja do Rio Vermelho, as lutas dos intelectuais para mantê-la de pé, fez-me tomar uma difícil decisão. Lembro-me do que dizia Jorge: “Por que não aproveitá-la para um museu?”. Isso mesmo. Por que ficaria eu sozinha nessa casa? Por que não manter abertas as portas para os admiradores de Jorge Amado, aqueles que aparecem diariamente, ansiosos para conhecer o ambiente onde o escritor viveu durante tantos anos, inspirou-se e escreveu seus romances? Não, não poderia ser tão egoísta, não poderia conservá-la só pra mim. De coração apertado, mudei-me há cinco meses para um apartamento, nas proximidades do Rio Vermelho. [...] A velha casa está precisando, com urgência, de consertos para ser transformada num memorial, num museu, franqueado a todos que desejam visitá-lo” (GATTAI, 2013: 94 - 95).

O desejo de Zélia Gattai só veio ser realizado pelos seus familiares – filhos e netos – 12 anos depois da escritora deixar a Casa do Rio Vermelho, em parceria com a prefeitura Municipal de Salvador na gestão do prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto, responsável pela administração do museu Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai, entregue ao público em 7 de novembro de 2014.

## A Casa do Rio Vermelho e a família Amado: relato em torno da implantação do museu-casa

A Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai constitui-se em museu-casa de natureza administrativa municipal, dirigido pela Secretaria de Desenvolvimento, Turismo e Cultura criada pelo prefeito Antônio Carlos Magalhães Neto. Em depoimento<sup>16</sup> o gestor afirma que, a transformação da residência em museu-casa se justifica absolutamente pelas trajetórias dos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai, que contribuíram sobremaneira para fomentar a cultura baiana no mundo, sendo também os responsáveis pela formação da identidade e preservação da memória dos baianos, em que estaria a própria essência do povo. Nesse contexto, ainda conforme Antônio Carlos Neto, a história da Casa do Rio Vermelho e o percurso dos seus proprietários fazem parte da memória da cidade e como fonte de inspiração, tem potencial para sensibilizar e promover novos talentos no meio literário. A conjugação de fatores favoráveis à escolha da casa acaba por outorgar significativa carga simbólica ao espaço transformado em museu-casa em homenagem aos escritores Jorge Amado e Zélia Gattai, onde a literatura e aspectos biográficos das personalidades (principalmente o colecionismo) ganham centralidade na exposição elaborada pelo arquiteto e cenógrafo Gringo Cardia<sup>17</sup> com auxílio de Paulo Miguez<sup>18</sup>.

Cardia e Miguez projetaram na Casa do Rio Vermelho a exposição com recursos cênicos e efeitos luminotécnicos, artifícios que passaram a ser empregados nas novas concepções expositivas encontradas em “museu-negócio”, nomenclatura atribuída por Juan Carlos Rico (2007:69) e Sonia Castillo (2008: 114) aos museus “propensos a transformar-se em espaços de lazer, diversão e espetáculo” em conformidade com a “lógica do consumo cultural”. Essa foi uma das pautas assumidas pela Prefeitura Municipal de Salvador no primeiro mandato de Antônio Carlos Magalhães que, teve uma gestão focada no mercado artístico baiano, marcado por ações de recuperação do protagonismo e relevância cultural da cidade através da criação e revitalização de equipamentos turísticos-culturais<sup>19</sup> em Salvador.

Enquanto museu-casa a exposição da Casa do Rio Vermelho carrega o desafio de articular em seu interior as trajetórias de Jorge Amado e Zélia Gattai, aspectos de suas obras literárias e acervos da cultura material, modalidade da cultura que tem por objetivo a “produção do conhecimento” (MENESES, 2002: 34) em torno do significado que ambos escritores assumem no contexto social,

16 Planejamento estratégico intitulado *Novos avanços para a nova Salvador* (2016). Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2016/10/Programa-ACM-Neto.pdf>. Acesso: 01/03/2019.

17 Arquiteto, designer, diretor de arte, desenvolvedor de trabalhos de cenografia e artes gráficas para museus, espetáculos de música e dança, entre outros. Em seus projetos, utiliza diferentes linguagens, mesclando cenografia, programação visual e imagem em movimento. Enquanto curador responsável pela A CASA GRINGO CARDIA DESIGN, autodenomina-se “artista da imagem”, definição encontrada em sua biografia, disponível em: <https://gringocardia.com.br/text.aspx?p=biography&id=47>. Acesso em 05/03/2019.

18 Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Auxiliou Cardia na elaboração do projeto museográfico para a Casa do Rio Vermelho, definindo as conceituações aplicadas na exposição do Memorial; desenvolveu atividades de pesquisa com o apoio de uma equipe especializada em estudos baianos com ênfase na literatura de Jorge Amado.

19 Ocorreu o restauro dos fortes São Diogo e Santa Maria, a partir de acordo firmado com o Comando da VI Região Militar para instalar o Espaço Carybé de Artes e o Espaço Pierre Verger da Fotografia Baiana, ambos em 2016. Outras ações dizem respeito às requalificações da Ladeira do Couro, do Teatro Gregório de Mattos e da Galeria da Cidade, na Barroquinha, contemplando eventos, artistas e técnicos. Foi firmado convênio com o Museu Carlos Costa Pinto e inaugurado o museu na Casa do Rio Vermelho.

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

assim nos esclarecem Gringo Cardia e Paulo Miguez no livro do museu *A Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai* (2014). De acordo com Solange Godoy esse “espaço de memória” está comprometido também com a excepcionalidade da nação e busca sublinhar traços da história nacional (GODOY, 1997). Nele os objetos são envoltos por uma “aura”, pois se encontram em lugar de foro íntimo, onde a privacidade da personalidade prevalece e ganha força principalmente ao ser articulada à literatura por ela produzida. Sobre esse aspecto, Eliane Vasconcelos (1997: 247) afirma:

Esses objetos, por seu valor intrínseco, justificam a sua incorporação [...] como documentos enriquecedores da compreensão, pontos de referência e fontes para reflexão indispensável à recomposição do mundo, ficcional e não ficcional, como da personalidade de seus possuidores. Esses objetos crescem de importância quando nos permitem torná-los vivos e atuantes como elementos fundamentais nas exposições.

Acerca do *poder do objeto*, Begoña Torres González (2013) reconhece o potencial em torno das coisas da casa. Para a pesquisadora, esses bens materiais que povoaram os cômodos de um indivíduo perduram no tempo e sobrevivem ao desaparecimento de seus usuários, sendo então escolhidos para integrar o museu e, conseqüentemente, representar a personalidade que ali viveu. Nesses espaços, os objetos selecionados são manipulados de maneira a figurarem como portadores de informação, cumprindo o principal objetivo do museu-casa, que é preservar a história do seu proprietário.

Nesse sentido, é interessante refletirmos sobre as palavras de Joaquim Falcão ao se referir à representação da personagem proprietária do museu-casa por meio dos espólios pessoais de Rui Barbosa, em sua conferência no *Seminário sobre museus-casas*:

O patrimônio não é a casa, não é o objeto – esses apenas nos conduzem ao patrimônio a ser preservado [...] não se preserva o imóvel, os jardins, os objetos e os livros por um valor *de per se*. Estes são apenas indicadores. Preserva-se pela relação que têm com Rui Barbosa. Que por sua vez é patrimônio cultural menos pelos cargos que ocupou, e que não ocupou, em nossa história. E mais pelo sentido que ele dá ao sonho, às ambições e ao ideal da classe média. Rui operacionaliza esse sonho, torna-o visível e palpável. Transforma-o em carne e osso. Dá-lhe vida e possibilidade, ao moldar um profissional e definir o perfil do advogado. A história o transforma no arquétipo dos advogados. O profissional – referência, defensor e operacionalizador dos ideais republicanos e urbanos de liberdade e igualmente da classe média. Que pretendem, como dissemos, ser ideais transclassistas, supraclassistas, brasileiros. Patrimônio cultural da nação a preservar. Bem imaterial. (FALCÃO, 1997: 69 - 73).

Como indicadores, os objetos “simbolizam o significado da vida” (FALCÃO, 1997: 71); por meio do bem material (as coisas) e do bem imaterial (a literatura) selecionados chega-se à relevância do personagem que se quer preservar. No contexto museológico os objetos artísticos transmutam-se em ação; um “capital vivo” (CASTILLO, 2008: 114) dos ex-proprietários que passam a ser administrados pelos seus herdeiros legais e simbólicos. No caso em foco, os filhos e netos dos escritores se aliam à FCJA e fazem uso de algumas práticas para prover a manutenção do legado e memória dos escritores. Entre essas ações tem-se a produção dos catálogos fotográficos em dois volumes: *Catálogo arquivo fotográfico Zélia Gattai: volume 1, a Casa do Rio Vermelho - a família* (2011)

e *Catálogo arquivo fotográfico Zélia Gattai: volume 2, a Casa do Rio Vermelho - os amigos* (2012); exposições temporárias exibidas em estabelecimentos comercial e cultural: no Shopping Iguatemi<sup>20</sup> (Salvador) *A Casa do Rio Vermelho* (2014); na FCJA – *Talentosa, Graças a Deus* (2016) e, mais recentemente, na Caixa Cultural de Recife – *Exposição Amados: Zélia e Jorge* (2019)<sup>21</sup>.

Estratégias comumente utilizadas igualmente no âmbito do museu-casa de escritores onde prevalecem ações de musealização na condição de “manifestação metalinguística”, assim assinala Clóvis Britto (2018: 99) em sua *Gramática Expositiva das Coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*, para quem o termo compreende a relação entre literatura e museus-casas, considerando a simbiose triádica — agente, anfitrião da residência; espaço físico e acervo tridimensional e literário. Nas palavras desse autor a casa e a obra literária tornam-se “[...] por excelência, espaços de contemplação do fazer poético, de reflexão sobre o trabalho com o texto e sua decodificação, enfim, de manifestação do poético em suas variadas formas”.

Um exemplo de como essas práticas ocorrem no âmbito das exposições de acervos tridimensionais e literários de escritores pode ser visualizado inicialmente na exposição itinerante *A Casa do Rio Vermelho*, projetada pela família Amado e financiada pelo grupo Iguatemi Salvador, com realização da empresa baiana Doc-Expõe Gestão Museológica e Documental e apoio da FCJA e Uranus, exibida na Alameda das Grifes daquele shopping em agosto de 2014, período de celebração do aniversário de Jorge Amado e três meses antes da inauguração do museu em homenagem à Jorge e Zélia.

A mostra temporária foi dividida em 10 módulos<sup>22</sup> e reuniu um conjunto de 54 objetos<sup>23</sup> (parte da coleção de sapos, máquina de escrever, máquinas fotográficas, óculos, bengalas, chapéus, indumentárias, móveis e outros) que enfatizam a biografia e a literatura dos dois escritores, associados às imagens do *Acervo Fotográfico Zélia Gattai*, como recurso alusivo ao uso dos artefatos. As peças ocuparam vitrines e expositores de parede branca plotados com desenho da fachada da Casa do Rio Vermelho, representando a identidade visual confeccionada especialmente para a exposição que apresentou texto introdutório assinado por Maria João Amado - neta dos escritores – remetendo às lembranças de infância vividas na residência, onde cresceu e deu os primeiros passos. No texto de abertura da exposição (figura 6) Maria relembra o momento em que abriu a casa do Rio Vermelho para visita pública, tendo a proprietária Zélia Gattai como anfitriã.

20 Atual Shopping da Bahia.

21 Somam-se às exposições os lançamentos de livros, a exemplo das publicações: *A comida baiana de Jorge Amado ou, o livro de cozinha de Pedro Arcanjo, com as merendas de D. Flor* (1994); *As frutas de Jorge Amado: ou o livro de delícias de Fadul Abdala* (1997); *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor* (2002); *Toda saudade do mundo: a correspondência de Jorge Amado e Zélia Gattai* (2012) e *Pituco* (2016). Além disso, a campanha publicitária do dia dos namorados promovida pelo Shopping Iguatemi em 2012, exibida nas rádios, canais de televisão e internet, utilizando as imagens dos escritores para integrar cartazes, cartões postais e vídeo comercial elaborado com trechos de mensagens trocadas entre o casal. Vídeo comercial disponível em: <http://youtu.be/ETOYQDKgnbg>. Acesso: 10 de jun. de 2020.

22 Os módulos divididos por temas receberam as denominações: *Sapos de Jorge Amado, Jorge e Zélia no jardim, Zélia e a fotografia, Memorial do amor, O pato, Chapéus e bonés, As costuras de Zélia, Roupas de Jorge e Zélia e A mesa do escritor*.

23 Sobre os objetos da Casa do Rio Vermelho consultar: *Mediação fotográfica revela o lugar da intimidade: a casa de Jorge Amado* (2019), da pesquisadora Alzira Queiróz Gondim Tude de Sá, resultante do doutorado em Ciência da Informação, no qual desenvolve estudo e análise das imagens fotográficas referentes aos objetos da sala de estar exibidos no livro *Rua Alagoinhas 33, Rio Vermelho* (1999).

Figura 6 - Exposição A Casa do Rio Vermelho: expositor com texto de abertura.



Foto: Milena Santos, 2018.

O teste aconteceu no dia 10 de agosto de 2003, com a ajuda da FCJA, responsável por distribuir as senhas antecipadamente aos interessados em conhecer a residência. Maria informa também sobre a reforma na Casa do Rio Vermelho que estava na época sendo executada pela prefeitura de Salvador, iniciada após onze anos do episódio de visitação que antecedeu a abertura oficial do museu, ressalta ainda, o apoio do grupo Iguatemi Salvador na tarefa de apresentar, em primeira mão no shopping, parte do acervo de Zélia Gattai e Jorge Amado, fazendo os objetos circularem e proporcionando ao público soteropolitano a possibilidade de entrar em contato antecipadamente com aspectos selecionados das vidas dos escritores, movimento que aciona a existência de “objetos semióforos”, ou seja, aqueles que carregam significados e com a possibilidade de serem expostos (POMIAN apud DESVALLÈES e MAIRESSE, 2014: 70-71). O uso do acervo, neste caso, em ambiente destinado ao comércio de produtos é significativo e nos leva a ponderar que a exposição temporária negociada dentro dos transmisses previstos no “comercio de arte” (CASTILLO, 2008; RICO, 2007) baiano, figurou como proposta de marketing cultural e objetivou aproximar o visitante da instituição museológica que estava a poucos dias de ser inaugurada.

## Considerações finais ou ligando os pontos

No presente artigo relatamos algumas práticas concebidas por Zélia Gattai que parte da fotografia associada à literatura para documentar cinco décadas de história política e cultural no Brasil e no mundo, resultando na formação da coleção de fotografias em que a trajetória de Jorge Amado ganha centralidade no enquadramento das imagens ao lado de personalidades do seu ciclo social. Além disso, a fotografia se torna a ferramenta que possibilita Zélia Gattai a partir de 1950 desenvolver outras atividades para além dos afazeres domésticos, permitindo administrar a carreira profissional do marido e ingressar na Academia Brasileira de Letras com 17 obras publicadas de gêneros literários distintos, desde romances, história infanto-juvenil e memórias.

Como narradora Zélia eterniza as memórias da Casa do Rio Vermelho na literatura publicando três livros nos quais a residência se torna pano de fundo para contar histórias selecionadas sobre a Bahia (AMARAL, 2010). Destes livros destaca-se a publicação da obra *Memorial do Amor* lançada em 2003, nela a autora torna público o desejo de ver a Casa do Rio Vermelho reaberta funcionando como memorial/museu. Mas como informou Paloma Jorge Amado no prefácio do livro, os trâmites burocráticos impediu a realização do desejo da escritora, “fazendo com que o memorial [literário de sua mãe] anteceda” (GATTAI, 2013: 12) a implantação do museu físico. Projeto realizado pelos herdeiros da escritora em parceria com a Prefeitura Municipal de Salvador, que investiu na criação do museu A Casa do Rio Vermelho no intuito de impulsionar o turismo cultural na capital baiana.

Desde o início, observa-se que tudo partiu de Zélia Gattai, que se preocupou com o registro e a difusão da vida familiar e com o percurso de Jorge Amado, o que resultou na exposição museológica cenarizada, pautada na trajetória dos escritores, com base na residência e em seus bens materiais. A partir de Britto (2018: 32) pode-se afirmar, sob o ponto de vista museológico, que ali se deu a criação ou “alquimia” produzida por um conjunto de agentes integrantes do campo de produção simbólico. Se aqui não foram os responsáveis diretos pelo forjar de crenças garantindo o renome e a imortalização de ambos os escritores, da “alquimia” lançaram mão a partir da obra e de aspectos da vida do casal registrados continuamente por Zélia Gattai nas fotografias e literatura.

Parafraseando Zélia Gattai no final do seu livro *Anarquistas, Graças a Deus*, questionamos: o que diria dona Angelina, mãe de Zélia, se fosse viva, ao ver no que resultaram as ações memorialísticas de sua filha? “Certamente, balançando a cabeça, num suspiro, exclamaria: “*Maria Vergine!* Que menina atrevida! O que vão dizer?” (GATTAI, 1979: 289).

## Referências

ALVES, Lizir Arcanjo. A memorialística feminina em dois tempos: Anna Ribeiro de Góes Bittencourt e Zélia Gattai. In: *Seminário Zélia Gattai: gênero e memória*. Salvador: Casa de Palavras, 2002.

AMADO, Paloma Jorge; CARDIA, Gringo; MIGUEZ, Paulo. *A Casa do Rio Vermelho: Jorge Amado e Zélia Gattai*. Salvador: 32 Bits, 2014. (Não publicado).

AMADO, Jorge . *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. 6. ed., Rio de Janeiro: Record, 2006.

AMADO, James. “Escrever é, para mim, o mesmo que viver”. In: *Jorge Amado: Fotobiografia*. 1. ed., Rio de Janeiro: Edições Alumbramento, 1986.

AMADO, Zélia Gattai; AMADO, João Jorge; AMADO Paloma Jorge. Ai que saudade de Jorge! In: *Um baiano romântico e sensual: três relatos de amor*. 1 ed., Rio de Janeiro: Record, 2002.

AMADO, Zélia Gattai. *Reportagem Incompleta: fotos de Zélia Gattai Amado*. Salvador: Corrupio, v. I, 1981.

AMARAL, Glaucy Cristina do. *A narração memorialística em A Casa do Rio Vermelho: uma metamemória*. São Paulo, 2010. 88 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/14929>. Acesso em: 23 de out. 2019.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, vol. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/issue/view/287>. Acesso: 23 de out. 2019.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BRAGA, Kassiana. *A Senhora Dona da Memória: Autobiografia e Memorialismo em obras de Zélia Gattai*. 2016. Dissertação. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2016. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/137839/braga\\_k\\_me\\_assis\\_int.pdf?sequence=4&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/137839/braga_k_me_assis_int.pdf?sequence=4&isAllowed=y). Acesso 01.06.2020.

BRITTO, Clovis Carvalho. “Nossa maçã é que come Eva”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. Tese. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração. Lisboa, 2019. Disponível [http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tese\\_clovis\\_britto.pdf](http://www.museologia-portugal.net/files/upload/doutoramentos/tese_clovis_britto.pdf). Acesso 28.05.2020.

BRITTO, Clóvis Carvalho. “Eles passarão... Eu passarinho!”: A musealização da literatura e a monumentalização de Mario Quintana no campo literário brasileiro. *Anais do 40o Encontro Anual da Anpocs*. Caxambu, 2016. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/40-encontro-anual-da-anpocs/>

st-10/st02-8/10138-eles-passarao-eu-passarinho-a-museizacao-da-literatura-e-a-monumentizacao-de-mario-quintana-no-campo-literario-brasileiro?path=4-0-encontro-anual-da-anpocs/st-10/st02-8>. Acesso: 23 de out. 2019.

BRITTO, Clóvis Carvalho. *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos museus-casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2018.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 3 ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Millet, 3 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BERGER, John. *Para entender uma fotografia*. Tradução de Paulo Geiger. 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

CASTILLO, Sonia Salcedo Del. *Cenário da arquitetura da arte: montagens e espaços de exposições*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CHAGAS, Mario de Souza. *Imaginação Museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro*. 1. ed. Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2003.

CUNHA, Eneida Leal. A “Casa Jorge Amado” In: *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CUNHA, Eneida Leal. Cartas do mundo. In: *Seminário Zélia Gattai: gênero e memória*. Salvador: Casa de Palavras, 2002.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Eds.). *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura, 2013.

“ESCREVO NOS ENTREACTOS E PONHO MUITOS PONTOS NO IS”. *Diário Popular*. Lisboa: Coluna Cultura, 1984.

FANINI, Michele Asmar. *Fardos e Fardões: Mulheres na Academia Brasileira de Letras*. 2009. 387 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-19022010-173143/pt-br.php>>. 10 de dez. de 2019.

FALCÃO, Joaquim. A personagem proprietária do museu-casa. In: *I Seminário sobre museus-casas*. 1996. 1. ed. *Anais do I Seminário sobre museus-casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 63-82, 1997. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/232>. Acesso em: 10 Mai. 2019.

FRAGA, Myriam. Zélia Gattai: escrevendo com a luz. In: *Catálogo arquivo foto-*

Do projeto memorialista de Zélia Gattai à musealização da Casa do Rio Vermelho (Salvador, Bahia)

gráfico Zélia Gattai. Volume I: Casa do Rio Vermelho, a família. Salvador: Casa de Palavras, 2011.

FRAGA, Myriam. A Casa do Rio Vermelho. *Neon*. Salvador: Arte, cultura e entretenimento v. 5, n. 1, p. 37, maio de 1999.

FRÓES, Neuza Galli. *Zélia Gattai Amado*: “Não existe influência de Jorge em meu livro. [S.l.], 1979.

GATTAI, Zélia. *A Casa do Rio Vermelho*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, Graças a Deus*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1979.

GATTAI, Zélia. Histórias e fatos de uma vida. In: *Jorge Amado: Fotobiografia*. 1. ed., Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, p. 9 - 13, 1986.

GATTAI, Zélia. Reportagem Incompleta. In: *Reportagem Incompleta: Zélia Gattai*. 1. ed. Salvador: Corrupio, 1986.

GATTAI, Zélia. *Um Chapéu para Viagem*. 7. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.

GATTAI, Zélia. *Memorial do amor e vacina de sapo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

GATTAI, Zélia. *Discurso de posse*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/zelia-gattai/discurso-de-posse>>. Acesso em: 02 out. 2019.

GODOY, Solange. A Museologia e o museu-casa. In: I Seminário sobre museus-casas. 1996. 1. ed. *Anais do I Seminário sobre museus-casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/232>. Acesso: 10 de mar. de 2019.

GONZÁLEZ, Begoña Torres. El poder de los objetos. In: *Casas museo: museologia y gestión*. Madrid: Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, p. 183 - 194, 2013b. Disponível em: <http://rodolfogiunta.com.ar/Patrimonio/Biblio%20034.pdf>. Acesso: 10 de mar. de 2019.

GOMES, Ângela Maria de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de si, escrita da História*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 7 - 26, 2004.

JORGE Amado: *Fotobiografia*. 1. ed., Rio de Janeiro: Edições Alumbamento, 1986.

KOSSOY, Boris. *Realidades e ficção na trama fotográfica*. 5 ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2016.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. O Museu e o Problema do Conhecimento. In: *Anais do IV Seminário sobre Museus Casas: Pesquisa e Documentação*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, p. 17-39, 2002.

NÃO É FÁCIL SER MULHER DE UM ESCRITOR COMO JORGE AMADO. *Magazine*. [S.l.], 1981.

NOVOS AVANÇOS PARA A NOVA SALVADOR. Salvador: [S.l.], Salvador, 2016. Disponível em: <http://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2016/10/Programa-ACM-Neto.pdf>. Acesso: 01/03/2019.

PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: Edusc, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: *História das Mulheres no Brasil*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SÁ, Alzira Queiroz Gondim Tude de. *Mediação fotográfica revela o lugar da intimidade: a casa de Jorge Amado*. 1 ed. Salvador: Edufba, 2019.

SOARES, Arlete. Um presente para Zélia. In: *Reportagem Incompleta: Zélia Gattai*. 1. ed. Salvador: Corrupio, 1986.

“SOU UMA CONTADORA DE HISTÓRIAS”. *A Tarde*. Salvador: Caderno 2, p. 1, 1999.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2017.

RICO, Juan Carlos. *Montaje de Exposiciones: museos, arquitetura, arte*. Madri: Sílex, 2007.

ROSCILLI, Antonella Rita. *Zélia de Euá: rodeada de estrelas*. 1 ed. Salvador: Casa de Palavras, 2006.

VASCONCELOS, E. Um sonho drummondiano. In: I Seminário sobre museus-casas. 1996. 1. ed. *Anais do I Seminário sobre museus-casas*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1997. Disponível em: <http://rubi.casaruibarbosa.gov.br/handle/fcrb/232>. Acesso: 10 de mar. de 2019

ZÉLIA FALA DE JORGE AMADO. *A Tarde*. Salvador, p. 1, 1969.

ZÉLIA GATTAI, A AUTORA, FALA DE “ANARQUISTAS GRAÇAS A DEUS”. *A Gazeta*, Vitória: Caderno 2, p. 1, 14 de maio de 1984.

ZÉLIA GATTAI: Reportagem Incompleta. Direção: Carlos Pronzato. Produção: Carlos Pronzato e Isadora Bove. Roteiro: Carlos Pronzato. Música: Alejandro Roseano. [S.l.]: Lamestiza Audiovisual, 2017. 1 DVD (20 min).

Recebido em 07 de julho de 2020  
Aprovado em 16 de setembro de 2020